As Dezoito Runas FUTHARKH

Com suas interpretações místicas...

As Dezoito Runas FUTHARKH

Com Suas Interpretações Místicas...

UMA INTRODUÇÃO AO... MESTRE

Guido Karl Anton List (1848-1919) nasceu e cresceu em Vienna, Áustria. Praticamente o único revitalizador da Consciência Mística e das Tradições dos antigos Arianos. Sem questionamentos, Guido von List é tanto líder quanto a maior autoridade a respeito da revolução espiritual e idiológica ariana, que precedeu e moldou o Nacional Socialismo. Na sua juventudo (aos 14 anos) a evidência de seu destino esotérico veio a tona quando visitou as antigas ruinas de um altar; ele falou alto: "Quando eu crescer, vou construir o Templo de Wotan"! E então ele o fez – de fato, ele criou dezenas de Lojas Teosóficas Arianas pela Europa, incluindo a "Sociedade Guido von List", oficialmente fundada em 2 de março de 1908, para apoiar o trabalho dele próprio (o Mestre). O pensamento místico sofisticado de von List e sua abilidade espiritual permitiram que ele restaurasse e divulgasse visões e

conhecimentos perdidos dos ancestrais do nosso povo.
Von List publicou vários trabalhos a respeito de práticas arianas arcaicas, linguagens, mitos, doutrinas e espiritualidade – e isso inclui "Das Geheimnis der Runen", de onde esse mini livro foi derivado. Suas interpretações e análises das mais puras runas "FUTHARKH" são definitivas e inquestionáveis, a frente de qualquer outro trabalho contemporâneo.

Para os iniciantes que buscam conhecimentos rúnicos, esse mini livro é fundamental.

- D.K. Stannislaus

Esse material foi traduzido para fins de estudo histórico – uma vez que é difícil encontrar materiais sobre o assunto em nosso idioma que sejam neutros e/ou fiéis aos srcinais. Não demonstramos interesse em apoiar o conteúdo do mesmo, e nem de fazer apologia a movimento de nenhum cunho, seja ele qual for. Assim como não demonstramos em nenhum momento sermos favoráveis a nenhum dos termos ou textos aqui contidos.

Observação: Algumas notas de rodapé foram adicionadas paralelamente às srcinais, pois alguns termos não são comuns na língua portuguesa. Algumas outras notas precisaram ser reescritas com termos comuns ao nosso vocabulário.

Janeiro de 2014

II

As Dezoito Runas “FUTHARKH” Com Suas Interpretações Místicas...

Originalmente escrito por Guido Von List, em 29 de abril de 1907

Até agora, muito pouca atenção foi dada ás inscrições dos nossos ancestrais germânicos – as Runas. Isso começou pelo motivo de todos acharem que os Povos Germânicos não possuíam manuscritos de nenhum tipo, e até mesmo seus símbolos de escrita foram – as runas – padronizados de modo imperfeito após a escrita uncial[1] latina. Tudo isso a despeito do fato de que Júlio César claramente reportara a respeito dos livros de “Helfetsen” (não Helvetier) e sua escrita, de que seriam supostamente comparáveis à escrita grega. Sem tentar evidenciar sobre a grande antiguidade da existência rúnica – que foram encontradas em artefatos de bronze e em fragmentos de cerâmica – deve ser mencionado que nessa época o “FUTHARKH rúnico[2]” (alfabeto rúnico), que consiste em dezesseis símbolos de tempos antigos. Mas que de acordo com o Edda[3], no “Rúnatáls-thatr-Odhins”, consiste em dezoito desses símbolos.

Com esses símbolos, tudo poderia ser escrito, pois os antigos Teutões não conheciam “v”, “w” ou “x”, ou também “z” ou “qu”. Assim como também não conheciam “c”, “d” nem “p”. Desse modo “v” era escrito por “f” (fator=father); “v” e “w” srcinados de “u”, “uu”, “uo” ou “ou”; “x” por “ks” ou “gs”; “z” era provavelmente pronunciado, mas grafado pelo “s”. o “qu” era srcinado de “kui” ou “gui” e “c” do “ts”; o “d” provinha do “th” (thorn). O “p” se desenvolvera do “b”, até que mais tarde ganharia sua própria runa, assim como outros sons gradualmente foram ganhando suas próprias runas especiais, até que haveriam por volta de trinta runas.

---

[1] Escrita latina e grega padronizada entre os séculos III e VIII por amanuenses latinos e bizantinos. Era constituída por letras grandes e arredondadas. Eram usadas na maioria dos pergaminhos, e também fora a escrita oficial dos Codex (Códice).

[2] A designação FUTHARKH provém das primeiras sete runas, F U TH A R K H... Essa é a razão do nome não ser escrito como “futhark” – como geralmente é erroneamente escrito – mas com o “h” no final.

[3] Conjunto de textos – srcinalmente em versos – que se referiam aos personagens da cultura nórdica.

III

Se desejares traçar de onde a raiz lingüística deriva, volte para a raiz das palavras dos primórdios das Línguas Germânicas, e então volte mais pra trás na "semente" – e em palavras primitivas da Linguagem Ariana Original, que devem ser sempre escritas em runas – ou ao menos ter esse modo de escrita na tua rente. Dessa forma podes achar a srcem correta, e nessa empreitada, o próprio nome da runa vai ser de grande ajuda.

Atualmente cada runa tem – de modo similar ao alfabeto grego – um nome próprio, que é ao mesmo tempo apoiado na palavra raiz, que por sua vez brota de uma palavra primitiva. Deve ser notado que nomes rúnicos são palavras monossílabas, portanto: raiz-, srcem- e palavras primitivas. A essa regra aparentemente só se excluem as runas "Hagal", "Gibor" e "Othil".

Devido as runas terem nomes particulares e esses nomes serem palavras monossílabas, se torna evidente que as runas – em um passado distante – tinham a função de escrito silábico, como um sistema de hieróglifos. E isso se deve ao Ariano primitivo, assim como qualquer linguagem primitiva, era monossilábico, e que somente tempos mais tarde seriam concentrados em uma forma de "alfabeto", onde a estrutura da linguagem provou que o sistema hieróglifo ou silábico seriam demasiadamente pesados.

Agora que as runas foram reconhecidas como palavras-símbolos de uma era pré-histórica, a questão das outras palavras-símbolos que não se encontram no FUTHARKH se torna consequente. Mesmo que uma escrita de palavras-símbolos fosse extremamente pobre – coisa que a escrita da Linguagem Ariana não é – seria necessário o uso de muito mais símbolos do que os trinta e poucos glifos. De fato – a escrita ariana – prescreveu centenas de símbolos e um número superior de símbolos escritos, com base extremamente elaborada, maravilhosamente sistemática e organicamente construída em estrutura hieroglífica, cuja existência não fora até hoje considerada. Por mais inacreditável que isso possa parecer, essa raiz hieroglífica tem sua raiz muito antiga, em tempos pré-cristãos, na primitiva era dos Teutões – até mesmo nos primórdios arianos – e está em pleno crescimento nos dias de hoje. Eles buscam sua própria ciência – que ainda hoje é praticada – e sua própria arte, onde ambas tem suas próprias leis e estilísticas tendências. Esse sistema possui uma rica literatura, mas sem – em aspecto tragicômico – os guardiões e conservadores dessa arte e ciência, que não possuem idéia alguma do que estão cultivando ou desenvolvendo.

Por ter havido – e ainda haver – centenas de símbolos rúnicos, seu número exato continua sem ser finalmente determinado. De qualquer modo, tirando todo o resto, somente trinta vieram a uso como letras, no mesmo sentido dos modernos símbolos de escrita. Em nosso tempo, dois grupos principais resultaram desses símbolos de escrita: as "letras-rúnicas" e as "runas hieroglíficas", sendo que ambas foram preservadas em seus modos únicos e que ambas através de seus próprios caminhos de desenvolvimento após a separação conseguiram se completar.

IV

Todos esses símbolos foram runas, mas hoje somente as "letras-rúnicas" carregam tal designação, enquanto as "runas hieroglíficas" desse ponto em diante passaram a não ser mais reconhecidas como símbolos de escrita. Por causa dessa diferenciação serão referidas como "símbolos sagrados" ou "hieróglifos" de agora em diante. Deve ser notado que a palavra "hieróglifo" já era importante na antiga Linguagem Ariana como "hiroglif", e já possuía significado mesmo antes da linguagem grega ter existido.

As "letras rúnicas" – que de agora em diante, por causa da brevidade serão chamada somente de runas – pararam seu desenvolvimento e mantiveram não só suas simples formas lineares como também seus nomes monossilábicos. Por outro lado, os "signos sagrados" foram continuamente desenvolvidos sobre as bases das velhas formas lineares, eventualmente formadas sobre refinadas e ricamente construías ornamentações. Foram também submetidas a diversas alterações tanto nas suas nomenclaturas como no conceito que simbolizavam, e que ainda simbolizam hoje. Foram ampliadas e aperfeiçoadas a partir da linguagem. A lei mítica de "Rúnatáls-háttr-Ódhin" – ("Sabedoria Rúnica de Wotan" ou literalmente, "Conto da lista rúnica de Odhin") – reconhece as dezoito runas como "símbolos de escrita"; de qualquer modo, elas ainda carregam sua herança como "signos sagrados" no mesmo sentido dos mais tardios "caracteres mágicos" ou "sigilos espirituais" (mas não "selos"!). Aqui, a interpretação dessa canção mágica oferece que a verdadeira base do segredo rúnico possa ser desvendada.

Nenhuma outra lei do Edda nos dá tamanha compreensão sobre a filosofia Ariana srcinal, que concede o relacionamento entre espírito e corpo, de deus para o Todo, e que através do Domo Ariano, traz o tão consciente e significativo reconhecimento da "dualidade definida" – "zweispaltig zweieinige Zweiheit" – no microcosmo e no macrocosmo – como mostra o "Havamal" e o "Rúnatal-tháttr-Ódhins" nele incluso (nos versos 139-165).

O perpétuo e progressivamente evoluído "ego" – ou "o Eu" – permanece sempre entre a alteração eterna do "surgir" para o "ser" e que através disso "passando para o não ser" passa então para um novo "surgir para um ser futuro"; e é em tal eterna alteração evolutiva que Wotan, que assim como o Todo e todos os indivíduos, permanece eternamente. Esse "ego" é indissociavelmente ligado física e espiritualmente à dualidade, e isso é constante e imutável. Nesse caminho o Havamal – o verso "Lay of the High One" – retrata Wotan em um misticismo exaltado, como um reflexo do Todo, assim como do indivíduo em si.

V

Wotan vive em um corpo humano para que possa sofrer – ele "consagrou ele próprio nele próprio" e consagrou a si próprio para passar adiante, a fim de nascer de novo. Quanto mais ele se sente chegando perto do momento de sua "passagem para um novo surgimento" – sua morte – o mais claro dos conhecimentos que se desenvolve nele é que o segredo da vida é o eterno "surgimento" e "passagem", um retorno eterno, uma vida de contínuos nascimentos e mortes. O conhecimento só chega completamente a ele no momento do crepúsculo, quando ele afunda no "Ur", do qual ele irá ressurgir. No momento do crepúsculo (morte), ele dá um dos seus olhos em brinde ao mais alto conhecimento. No entanto, esse Um Olho continua sendo sua propriedade mesmo depois de ter sido penhorado. É recuperado depois de seu retorno fora do "Ur", no seu renascimento, no seu verdadeiro corpo, enquanto seu outro olho que estava retido é o seu espírito.

O "olho físico" – atualmente o corpo propriamente dito – que ele havia dado somente de forma temporária – que mesmo assim continuava sendo de sua propriedade – se reunifica no momento do seu retorno fora do "Ur" – em renascimento – com seu outro "olho espiritual" nesse espírito. Contudo, o Conhecimento Primordial criado fora do Bem do Mime[4] retém sua propriedade, a propriedade do Todo; é a soma das experiências de milhares de gerações, preservadas e transmitidas por meios de escrituras. Tal conhecimento de Wotan é exaltado na morte, enriquecendo com o rascunho do Bem Primordial[5] do Mime, do mesmo modo, com o Volva da Morte[6] e o Mime Primordial[7]; ele somente apareceu para dividir a si próprio do mundo físico – para que com isso ele pudesse fisicamente ter aparência e "não ser" – para que pudese realmente formar a "dualidade definida", seja de modo físico ou espiritual, a dualidade indivisível. Ele não pode dividir sua "vida diurna" – vida – da sua "vida noturna" – morte. De qualquer forma, na "vida noturna" – com aparência de um "não-ser" – ele ganha o conhecimento da vida eterna. Isso o guia numa eterna mudança por meio de transformações através da passagem em direção ao novo surgimento por toda a eternidade. Por reconhecimento disso ele se torna sábio, e pelo significado de sua própria vida – que é consagrada na morte – ele obtém o conhecimento do destino do mundo, a solução para o enigma do mundo, "que ele, eternamente, jamais vai dar a conhecer a uma mulher ou garotinha". Então é ele próprio, Wotan, e simultaneamente o Todo – como certamente, todo ego é também um não-ego, ou o Todo.

---

[4] Mime = memória, conhecimento.

[5] Bem Primordial = Mistério de tudo que se eleva, de todos os seres, e tudo que se passa até o próximo surgimento.

[6] Volva da morte = a Deusa da Terra, Deusa da Morte, a que preserva os "corpos sem alma" nos cemitérios enquanto os "espíritos desencarnados" vão para Walhalla ou para Helheim.

[7] Mime primordial = Conhecimento Primordial, isso é, o conhecimento primordial do surgimento, do ser e da passagem para o novo surgimento de todas as coisas. Esses foram os três níveis em que Wotan "tornou-se sábio", ou seja, atingiu todo o conhecimento e veio, através desse mistério, ao conhecimento verdadeiro.

VI

Cada um desses egos individuais, cada pessoa, faz as mesmas transformações em si próprios através dos mesmos níveis de percepção, em que o entendimento e a libertação de cada ser individual são avaliados como tesouro espiritual – e não como memórias cognitivas mortas. Ele não perde isso a cada morte, e traz isso de volta quando volta novamente ao mundo dos homens em sua próxima reencarnação[8]. Por essa razão, todo "ego" individual tem (para si próprio) sua própria concepção da circunferência espiritual da ideia por detrás desses termos, de acordo com seu próprio "tesouro espiritual". Portanto entre milhares de pessoas vivas, não se consegue encontrar nem mesmo dois indivíduos de igual concepção de divindade – apesar de todas as doutrinas dogmáticas – e também não existem dois indivíduos com o mesmo entendimento da essência espiritual da linguagem e de suas palavras – tanto em detalhes quanto em coletividade. Se hoje as outras línguas não têm alcançado a riqueza da nossa língua – *fala-se do alemão, no texto srcinal* – muito menos nos tempos mais primitivos, aonde o vocabulário era muito menor e insuficiente de tal modo que os videntes e sábios tinham que "espremer as ideias" para simbolizar expressões além da ainda limitada linguagem, a fim de definir concepções de modo livre, do mesmo modo que definiam em suas visões espirituais. Eles eram obrigados a apoiar seus discursos em gestos físicos – mais tarde vistos como "gestos mágicos" – e aplica-los com certos sinais simbólicos sussurrados – do alemão, raunend (zuraunen = sussurrar) – como "transportadores de significado", que foram chamados de runas – do alemão, runen. O misticismo da ciência de Wotan cita tudo isso no Edda "Song of the High One" – ou, " Canção do Altíssimo", em tradução livre – que retrata a morte sacrificial de Wotan, nos lembrando também o Mistério do Calvário em muitos aspectos.

---

[8] Chamamos de "tesouro espiritual" o que a pessoa renascida traz ao mundo, "presentes naturais", "talentos", ou "genialidade"; aquele espírito mais ágil, que compreende tudo mais rapidamente e mais facilmente que os outros, outros que são animados por uma coluna menos ágil – tal agilidade elevada nada mais é que o "tesouro espiritual".

VII

A princípio entende-se que o próprio Wotan está "discursando", e depois nota-se que ele fora quem concebeu tal conhecimento. Começa o discurso e logo após a canção termina. De qualquer forma, a canção começa assim:

Eu sei como que eu me pendurei na árvore dos ventos frios por nove noites,
Ferido por uma lança consagrada para Wotan
Eu mesmo, me consagrei a mim mesmo– naquela árvore,
Que se esconde de todos
O lugar de onde as raízes crescem.
Não me ofereceram nem pão e nem hidromel;
Então eu dobrei a mim mesmo para baixo;
Com um grito de lamento
As runas passaram a ser conhecidas por mim,
Enquanto eu era absorvido pela árvore.

Depois de algumas estrofes explicativas, a canção apresenta caracterizações das dezoito runas com suas interpretações místicas. Quando essas estrofes são aparelhadas com os nomes das runas elas nos esclarecem de um modo muito especial e essencialmente nos provêm a solução para "O Segredo das Runas". Os versos a seguir precedem as caracterizações das runas, e depois disso, os versos seguem imediatamente para as próprias canções rúnicas:

Antes da criação do mundo era
O conhecimento de Wotan,
Que quanto mais branco vem, mais afastado retorna;
Agora conheço as canções como nenhum outro homem,
E como nem a mais esplêndida mulher.

VIII

Fa, feh, feo = geração do fogo, broca de fogo, criação – ou gado, do alemão, Vieh – crescer, vaguear, destruir, retalhar.

A primeira promessa de ajudar de maneira prestativa
na luta, na miséria e em qualquer dificuldade.

A palavra raiz "fa", que simboliza a "palavra primordial" dessa runa é o fundamento conceitual de "surgir", "ser" (fazer, trabalhar, comandar...) e "passar através para um novo surgimento" – assim como a transição de toda existência, e portanto, a estabilidade do "ego" em constante transformação. Essa runa concede, portanto, um "conforto *skaldico*" [Skald[9]] de que a verdadeira sabedoria somente vive pela evolução do futuro, enquanto somente o tolo chora na decadência: "Gere sua sorte, e a terás"!

Ur = Ur – "O primordial" – eternidade, fogo primordial, luz primordial, touro primordial (geração primordial), auroque, ressureição (vida após a morte).

Eu aprendi outrora, o que o povo busca
os que querem ser doutores.

---

[9] Skald – palavra norueguesa que se referia a grupos de poetas durante a era viking. Em países lusófonos também são conhecidos por "escaldos".

IX

A base de toda manifestação é o “Ur”. Quem quer que esteja apto a reconhecer a causa de um evento – “Ur-sache” a “coisa srcinal ou primordial”, do alemão ursache = causar, e sache = coisa – que por ele o próprio fenômeno não significa ser um quebra-cabeças indecifrável – fortunada ou infortunadamente – portanto, está apto a banir o azar ou aumentar a sorte, assim como também reconhecer o falso mal ou a falsa sorte do mesmo modo. Portanto: “Conheça a si próprio, então conhecerás o todo!”

X

Espinhos, ataques. Thorn = Thórr (trovão, raio

relâmpago, feixe de luz), Thor.

Em terceiro, eu aprendi o que é bom pra mim
é como uma corrente para os meus inimigos
Eu provoco as espadas dos meus inimigos
mas nem armas e nem defesas os ajudarão.

O "Espinho da Morte" é aquilo em que Wotan colocara a desobediente Valquíria, Brunhild, em um sono de morte – confira: Bela Adormecida –, mas em contraste a isso, é também o "Espinho da Vida" (phalus), que com a morte é conquistado pelo renascimento. Esse signo ameaçador certamente embrutece uma arma opositora de alguém que esteja se direcionando à sua morte, desse modo as forças da morte seguem através de uma constante renovação da vida no renascimento. Portanto: "Preserve o seu Ego"!

Os, as, ask, ast = Ase (ou seja, um dos Aesir), boca, surgimento, cinzas, poeira.

Como quarto, continuo eu a saber que quando alguém joga
meus braços e minhas pernas em grilhões:

no momento em que canto isso, eu posso ir adiante,
dos meus pés caem os grilhões,
os fechos caem pelas minhas mãos.

A boca, o poder do discurso! O Poder Espiritual trabalhando através do discurso (o poder da sugestão) estraçalha os grilhões físicos e dá liberdade, o próprio discurso conquista todos os conquistadores que somente obtém vantagens através da força física, e ainda destrói todo tipo de tirania[10]. Portanto: "Tua Força Espiritual te torna livre!"

[10] Na luta pela existência as pessoas – Volk – que sempre permanecem como vencedores duradouros são aquelas que se desenvolvem com preservação sua força moral. Com o desaparecimento de sua moralidade, sua maior classificação espiritual e intelectual é também perdida, como a estória "O Julgamento Final" irá provar.

XI

Rit, reith, rath, ruoth, rita, Rat (conselho), roth (forma antiga de "rot", vermelho), rad (roda), rod, rott, Recht (direito), etc...

Em quinto eu ouvi, se de um voo alegre
um tiro voa no alvo;
de qualquer modo ligeiro ele voa,
eu forçarei para que ele pare
se eu só posso pegá-lo com o meu olhar.

A triplamente santificada "Rita", a Roda Solar, o próprio "Urfyrr" (Fogo Primordial, Deus). A exaltada consciência introspectiva – "*Innerlichkeitsgefuehl*", sentimento interior. A subjetividade dos Arianos foraa consciência da sua própria piedade. Para a "*Internidade*" deve-se somente "ser-consigo-mesmo", e ser consigo mesmo é ser com Deus. Enquanto as pessoas possuam sua "*internidade*" srcinal e intocada como uma "pessoa natural[11]", ela não terá o porque de compactuar com qualquer divindade externa. Um serviço divino externo, separado por uma cerimônia, é obviamente feito só quando o indivíduo não está apto a encontrar Deus em seu próprio ser interior, e começa a ver esse lado externo do próprio "Ego" e o lado externo do mundo – "Lá fora, o céu estrelado". Quanto menos interna é uma pessoa, mais exteriorizada se torna sua vida. Quanto mais uma pessoa perde a sua "*Internidade*", mais pomposa e cerimoniada se tornam suas manifestações exteriores– então governo, lei e culto caem de modo com que comecem a emergir como ideias separadas. Devem permanecer no conhecimento: "O que eu acredito, é o que eu conheço e também o que eu vivo". Por essa razão a "divina-internidade" Ariana é também a base para um orgulhoso desdém pela morte entre os Arianos e pela suas ilimitadas crenças em Deus e nos seus "*Eus Interiores*", que expressam gloriosamente em "Rita" –a Ordem Cósmica, a lei – e que como a quinta runa simboliza o signo da palavra. Portanto essa runa fala:"Eu sou o meu *Rod* – direito – esse *Rod* é indestrutível, portanto eu sou por mim mesmo indestrutível, pois eu sou o meu *Rod*".

---

[11] A "pessoa como pessoa natural" não é uma condição selvagem, para "selvagens" não civilizados, que vivem em escravidão no mais horrível "xamanismo". A "pessoa como pessoa natural", ao contrário, tripula o mais alto nível cultural, ainda que livres de qualquer falso tipo de sofisticação.

XII

Ka, kaun, kan, kuna, kien, kiel, kon, kühn (destacado), kein (não), etc...

A sexta é minha, se um homem me machucar
com a raiz de uma estranha árvore;
com a ruina ele me ameaça
não me machuca, mas o consome.

A Árvore-do-Mundo, Yggdrasil, serve como o mais estreito entendimento da família tribal ariana, junto com as demais famílias tribais de raças estrangeiras que são vistas como "árvores estrangeiras". O conceito rúnico de "kaun" ou "kunna" (feminino, como no nome *Adelgunde*) demonstra o princípio feminino do Todo, em um sentido puramente sexual. A tribo e a raça, devem ser puramente preservados: não devem ser contaminadas pelas raízes de uma árvore estrangeira. Mas, se por ventura isso possa ocorrer, o mínimo uso de "árvores estrangeiras" fará com que esse "enxerto estrangeiro" possa crescer e se tornar um furioso inimigo. Portanto: "Seu sangue é seu mais precioso bem".

Hagal = a Barreira do Todo, o aprisionamento, a saúde, a destruição

A sétima eu conheço, se eu ver fogo
alto ao redor do abrigo dos homens
por mais que descontroladamente possa queimar,
vou leva-lo ao seu descanso
com canções calmas de domesticação[12].

[12] Magia-do-fogo, ainda hoje praticada como "evocação de fogo".

XIII

Hagal! A consciência introspectiva para suportar seu Deus com todas as suas qualidades internas por si próprio, produz uma altíssima auto confiança na força do espírito pessoal, que confere poderes mágicos. Poderes mágicos que habitam dentro de todas as pessoas e um poder que pode persuadir um forte espírito a acreditar nisso sem nenhuma dúvida. Cristo, que foi uma dessas raras pessoas – como fora Wotan – disse: “Na verdade, de fato, eu vos digo, se alguém disser a essa pedra: - mova-se do caminho – e acreditar nisso, então essa pedra se levantará e se moverá do caminho e voará para dentro do mar pela sua indubitável consciência”. O escolhido controla os reinos físicos e espirituais, onde ele de modo abrangente, sente-se como sendo o Todo-Poderoso. Então: “Acolha o Todo dentro de si, então controlarás o Todo”.

Nauth, noth, Nornas [*Norn*], compulsão de destino.

Em oitavo eu tenho, certamente entre todos
a maior necessidade de uso;
não importando como cresça a discórdia entre os heróis,
desde que eu saiba como resolvê-la rapidamente.

“A Runa da Necessidade floresce da matéria orgânica da natureza. Essa não é uma necessidade (como de angústia) no sentido moderno da palavra, mas uma “compulsão pelo destino” – e isso de acordo com as leis primordiais das Nornas. Com isso a casualidade orgânica de todos os fenômenos deve ser entendia. Aquele que é capaz de compreender a causa primordial de um fenômeno, e aquele que tenha conhecimento da lei da evolução orgânica dos fenômenos recorrentes, também está apto a julgar suas consequências assim que elas comecem a fermentar. Portanto, comanda os conhecimentos do futuro e também sabe como resolver todos os conflitos através “da restrição do caminho claramente reconhecido do destino”. Protanto, “Use o seu destino, não lute contra ele”.

Is, ire, ferro [*Eisen*]

Em nono eu compreendo, quando para mim é necessário se erguer
para proteger meu navio no oceano:
então permanecerei na tempestade no emergente oceano
e acalmarei o volume das ondas.

Através da "consciência sem dúvida do poder espiritual pessoal" as ondas são compelidas – "como se congeladas", enrijecidas como gelo. Mas não somente as ondas [Welle, em alemão] (que simbolizam a vontade [Wille, do alemão]), como tudo na vida, obedecem a irresistível vontade. Incontáveis exemplos como o "escudo protetor[13]" de Wotan ou como a "Cabeça da Górgona" dos atenienses, ou como o "Aegishjalmar[14]" que de todo modo abre caminho para a sabedoria e a prática da caça fazendo com que o animal congele[15], e até a moderna hipnose; todos são baseados no poder hipnótico da poderosa vontade do espírito, e simbolizados por essa nona runa. Então: "Ganhe poder sobre si próprio e terás poder sobre tudo que te enfrenta, seja no mundo espiritual ou físico".

Ar, sol, fogo primordial, Ar-ianos, nobres, etc...

Eu uso a décima, quando através do ar
fantasmagoricamente a cavalgadora voa:
se eu começo essa mágica, eles se tornam
confusos em forma e esforço.

---

[13] No texto srcinal se falava em "ag-is-shild" ou Aegis-Shild, o que em português seria algo como a Égide, como a Égide que Zeus utilizara contra os Titãs. Diversas culturas possuem versões particulares sobre a Égide, que aparentemente protegia o usuário ao amedrontar o inimigo.

[14] Ag-is-helm, como no exemplo anterior, o Elmo de Odin.

[15] A magia de "fazer algo congelar" no conhecimento prático é subentendido como "hipnose".

XV

O "ás", o "urfyr" (fogo primordial, deus), o "sol", a "luz"; destruirá as trevas, tanto espiritual quando física, hesitantemente, incertamente. No signo de Ar, os arianos – os Filhos do Sol – encontraram sua lei [*Rita*], a lei primordial dos arianos, a do merecimento, ou a águia [Aar], é o hieróglifo. Ela se sacrifica, se consagra através de uma morte flamejante, para que depois possa renascer. Por essa razão fora denominada como "Fanisk[16]", e mais tarde Fênix. Assim é lida como um hieróglifo simbólico a águia colocada sobre uma pira funerária de um celebrado herói, indicando que o herói morto, de maneira rejuvenescedora, prepara-se na morte para um renascimento a fim de um novo esforço para uma futura e ainda mais gloriosa vida em forma humana, de forma contrária a todas as restrições de poderes das trevas – todos os quais se esmigalham perante o "Ar". "Respeite o Fogo Primordial".

Sol, Sal, sul, rig, sigh, sun, salvação, vitória [*Sieg*], coluna [*Säule*], escola, etc...

Em décimo primeiro eu, contudo, também conheço a luta,
quando eu lidero o mais estimado:
Eu canto isso no escudo, e ele é vitorioso na batalha
se eleva aqui e se eleva à casa novamente
se mantém elevado aonde estiver.[17]

"Sal und Sig!" – Salve e Vitória – [*Heil und Sieg*]. Essa milenar Saudação Ariana e Grito de Guerra também é novamente encontrada em uma forma variante, como uma chamada inspiradora: "alaf Sal fena[18]"! Tornou-se simbolizado pelo décimo primeiro signo do FUTHARKH como a Runa da Vitória [*sig-rune*]: "O espírito Criativo precisa conquistar"!

[16] Fanisk: fan- = geração; -ask (isk) = surgimento, iniciação. Portanto: Fanask ou Fanisk = O início da geração através do renascimento. Mais tarde, Fanisk se tornou a Fênix. Compare com "A Canção Rúnica de Wotan": "Eu sei que me pendurei na Árvore dos Ventos Frios".

[17] Sobre isso podemos citar a "Arte de Passau", de "fazer rápido", de invulnerabilidade contra qualquer golpe, punhalada ou tiro. [A cidade de Passau – na Alemanha – fora famosa pela prática de magia na Idade Média]. O uso de charmes e símbolos em armas para proteger os usuários passou a ser conhecido como "Arte de Passau".

[18] ...Toda Saldação Solar ao Sol é consciente de poder! (Apto a reprodução).

XVI

Tyr, tar, tur, animal [*Tier*], etc. [Týr, deus do sol e da espada]; Tiu, Zio, Ziu, Zeus; “tar” = gerar, se tornar, conceder; camuflagem [Tarnkappe], etc...

Em décimo segundo eu tenho: se em uma árvore se pendura
um homem estrangulado no topo;
Então eu escrevo algumas runas
e o homem desce e fala comigo.

O renascimento de Wotan, por exemplo. O renovado Wotan, que descera da árvore do mundo após seu auto sacrifício, do mesmo modo que a renovada Fanisk (Fênix) que voa das cinzas, é personificado pelo jovem deus do sol e da espada, Týr. De acordo com a regra do misticismo, toda crença mágica move-se em paralelo a mitologia, e nessa, o modelo mítico é adotado em uma analogia a um processo humano-mundano, para que possa alcançar resultados similares aos dos mitos. O esoterismo se baseia no já bem conhecido conceito de dualidade, claramente reconhecido no indivíduo místico da coletividade mística – e é aí que se vê o destino do Todo, consequentemente, todo indivíduo está em eterna mudança, desde a morte até o renascimento. Como Wotan retorna após seu auto sacrifício – que deve ser entendido não só como a morte, mas como toda sua vida – em um corpo renovado, também acontece com cada indivíduo em particular, retornando após cada vida em forma humana com um corpo renovado através do renascimento – que é também igualado ao auto sacrifício. Por essa razão, “tar” significa gerar, viver e se passar – assim como Týr é o renascido jovem sol. Então, é também a décima segunda runa, ao mesmo tempo, a “runa da vitória”, e por isso é entalhada nas lâminas de espadas e pontas de lanças como um símbolo de vitória. E deve ser dito: “Não tema a morte – ela não pode te matar!”.

XVII

Bar, beork, biork, nascimento, canção[19], cerveja [*Bier*], etc...

Décico terceiro, Eu rego o filho
de um nobre no primeiro banho. [o batismo pré-cristão]
Quando ele for para a batalha, ele não tombará,
nenhuma espada o levará para o chão.

Na runa Bar – a força espiritual do Todo – a vida eterna em cada vida humana entre o nascimento e a morte significa que um dia, em contraste a esse "dia-na-vida", na forma humana vai de *Bar* (nascimento) através de *Bar* (vida) e segue até *Bar* (morte). Isso é santificado e encantado pela "água da vida" no batismo. Esse (dia-na-)vida é delimitado por nascimento e morte; e mesmo que o destino por nenhuma vez tenha apontado uma espada – morte precoce – ainda fica-se exposto a isto e a muitos outros perigos. Em despeito a determinação e dispensa de destino, oportunidades[20] obscuras e regras baseadas no livre arbítrio dos homens, contraria-se tal maléfico decreto de oportunidade onde a sagrada bênção deveria agir.

---

[19] … Bar = canção; bardlt = canção do povo. Dit, diet, diut, diutsch = povo alemão [*Deutsch*].

[20] Oportunidade! Na realidade, não existe tal tipo de oportunidade, todos os eventos – sem exceção – estão na grande rede do destino – urdidura e trama – tudo muito bem ordenado. Sendo que o que diz respeito a trama (traçada) é – mesmo para os clarividentes – somente visível com certa dificuldade. A reconhecível urdidura linear dos efeitos e das causas anteriores – efeitos que transformam outras causas e provocam efeitos próximos (que formam novas causas que desencadeiam efeitos, quase como uma interminável série genética) – é visível e calculável por videntes e iniciantes. No entanto, é difícil dizer antes do tempo a respeito da trama do destino de outros Egos ou de grupos inteiros, assim como dizer quando vão se tocar, se cruzar ou influenciar a trama do destino. Trabalha-se na trama do destino, e é comparável a uma trama em uma fábrica, ou um tecido fabricado. Então, devido a essas incalculáveis influências, muitas vezes perturbamos a nossa própria trama de destino, o que são chamadas de oportunidades. Essa ocorrência, apesar de tudo, não se deve ser considerada como uma oportunidade irregular ou "sem lei" – o que não pode ser! – mas sim como algo incalculável. Os mais antigos místicos arianos já sabiam disso, e por retratavam tais "Governantes do Destino" como as três Nornas – as "Tecelãs do Destino", que de fora da urdidura e da trama teciam o "Vestido do Tempo", ou seja, o Destino.

XVIII

O Povo Germânico não reconhece nenhum “destino cego”. Acreditava-se em predestinação no seu sentido mais amplo, mas intuitivamente viam-se que muitas restrições (chances de “acidentes”) estavam no caminho da conclusão e do cumprimento da predestinação a fim de realizar o poder pessoal. Sem esses acidentes, por exemplo, cada pinheiro seria exatamente simétrico em todas as suas partes – todas teriam que ser exatamente iguais as próximas, enquanto, de fato, nem mesmo dois podem ser encontrados de modo com que sejam iguais, e é assim que seria a vida humana – tudo sem diferenças, uniformes e iguais. Por essa razão o novo nascimento deve ser consagrado com a “Água da Vida[21]” para que sejam impedidos certos acidentes. Então: “Tua vida se encontra nas mãos de Deus; confie-a a ti”.

Laf, lagu, lögr, lei primordial, mar, vida, derrota

Em décimo quarto, eu canto para o povo reunido
nomeando por seus nomes divinos
Para todos os Ase [Aesir] e descendentes dos elfos
Eu os conheço como ninguém.

O conhecimento intuitivo da essência orgânica do Todo e consequentemente as leis da natureza, cria a inabalável fundação dos sagrados ensinamentos arianos – ou *Wihinei* (religião) – que era capaz de envolver e compreender o Todo, e consequentemente o indivíduo no surgimento – trabalhando e passando pelo surgimento. Esse conhecimento esotérico era repassado ao povo de maneira simbólica através dos formulados mitos, pois na visão dos populares desacostumados com tais visões aprofundadas e clarividentes, pois não poderiam ver a lei primordial mais do que o olho físico poderia ver o oceano – o interior não instruído, o olho espiritual da imensidão da vida no Todo. Nesse caso a décima quarta runa diz: “Primeiro aprenda a guiar, depois se atreva a navegar pelo mar”.

[21] Também por essa razão a Igreja, em clara referência a “Água da Vida” utiliza a água batismal, que vem de uma fonte ou um córrego de água, rejeitando água parada de lagoas e lagos.

XIX

Homem [Mann], man, mon, moon (ma = ser mãe, crescer, esvaziar ou morte).

Na décima quinta eu digo, que povos como os Anões
cantam diante das Portas do Dia
Para os Ases [Aesir] por força, para os Elfos por poder
Para mim para limpar a minha mente.

Em outro sentido, assim como no conto "O Homem na Lua", revela a si própria a décima quinta runa como o santificado signo da propagação da espécie humana. A palavra primal "ma" é a meia marca da geração feminina – MA-ternidade – assim como a palavra primal "fa" é a masculina. Além disso, nós temos "ma-ter" (mãe) assim como temos "fa-ter" (pai). A Lua mítica e misticamente falando é como o anel mágico "Draupnir[22]" (Dripper) – na qual cada nona parte da noite o anel goteja igualmente (separadas entre si) – e que foi queimado com Baldr; Isso é, Nanna, mãe do seu filho, foi queimada ao mesmo tempo em que Baldr foi queimado. De acordo com as regras míticas e místicas, de todo modo, noites significam meses, assim como as nove noites citadas anteriormente simbolizam o período da gravidez. Enquanto os conceitos de homem [Mann], donzela [Mädchen], mãe, marido [Gemahl], esposa [Gemählin], e etc. são simbolizados pelo radical "ma" – assim como o conceito de "lua", aonde tudo é internamente conectado de modo conceitual – eles, todavia, simbolizam conceitos individuais reconectados a uma unidade aparente de acordo com os princípios da multiplicidade. Então também é uma palavra conceitual de unidade vinda do radical "ma" e expressada como "man-ask" ou "men-isk", ou seja: Mann [Mensch]. De todo modo – como conceito de unificação – a palavra "homem" [Mann] é usada como gênero masculino, enquanto o conceito depreciativo pertence no terceiro estágio como neutro. A décima quinta runa engloba tanto o conceito eXotérico quanto o conceito eSotérico do maior mistério da humanidade, alcançando o zênite avisando: "Seja Homem" [Mann].

---

[22] Draupnir era o Anel dado a Wotan pelos Anões. Ele tinha o poder de multiplicar o tesouro de quem usava por nove vezes a cada nove dias. É também tido como o conhecido "Anel dos Nibelungos", o anel que trazia a maldição do assédio pelo ouro. Significa "gotejador".

XX

Yr, eur, íris, arco, arco-íris, teixo, erro, fúria e etc...

Na décima sexta eu falo para uma tímida donzela
para me dar bondade e sorte:
que muda e soma os desejos à mente
do belo e armado cisne branco.

A “runa Yr” é a “runa Man” invertida, e como isso indica um arco, ela apresenta a queda e a lua minguante, contrastando a lua cheia da “runa Man”. Em primeira instância isso representa a inconstância da lua, em segunda instância representa a “runa do erro” – referenciando-se a mutabilidade lunar da essência feminina, retratado nos versos finais do “Hávamál” (Regras da Vida) do seguinte modo:

Não acredite nas verdadeiras palavras da donzela,
não nas verdadeiras palavras da mulher,
seu coração fora formado na roda de fiar
O coração feminino é o lar da inconstância.

A runa Yr – ou runa do erro [Irr-rune] – que causa tanta confusão, seja por meio de excitação das paixões no amor, nos jogos, ao beber (intoxicação), pretextos de linguagem (sofisma) ou seja por quaisquer outros significados, pode adquirir resistência através da confusão. Mas o sucesso da vitória ganho por tais modos é tão ilusório quanto a vitória por si só – trazendo raiva, fúria selvagem e por fim, loucura. A “runa do erro” também contrasta com a “runa os” (vista anteriormente), uma vez que tenta forçar a conquista sobre o oponente com mera pretensão ao invés de razões verdadeiras. Portanto ensina: “Pense a respeito do fim”.

XXI

Eh, casamento [Ehe], lei, cavalo, corte e etc...

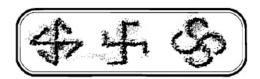
A décima sétima me ajuda com a amável donzela,
com essa ela nunca poderá deixar de mim.

A décima sétima runa, ou “runa eh” joga contra a décima sexta. Enquanto essa adverte sobre os assuntos frívolos e transitórios da paixão, a “runa do casamento” confirma o conceito de amor duradouro com base no casamento, como um acordo legal entre um homem e uma mulher. Isso é simbolicamente indicado pela tardia “runa eh”, duplicando a “runa laf”... ou seja, simbolicamente falando: “dois enlaçados juntos de acordo com a Lei Primordial da Vida”! O casamento [Ehe] é a base do povo, e com isso, “Eh” é novamente o conceito da Lei. De acordo com a antiga fórmula legal o casamento é a “lei raiz” [Rauwurtzel], ou seja, a lei raiz dos Arianos!

Entre a décima sétima e décima oitava runa, Skald incluiu o seguinte verso:

Essas canções serão, pra ti, Loddfafnir,
por um longo tempo praticamente incompreensível,
alegra-te, se podes apreciá-las,
anote, caso as aprenda,
use-as, caso as compreenda.

XXII

Após essa introdução ele começa com a misteriosa décima oitava runa que segue de modo com que novamente Wotan fala por si só:

Fyrfos, Cruz de Gancho

A décima oitava eu nunca irei contar
para uma mulher ou donzela;
de modo que, é o melhor final para a situação –
a que somente Um de Todos conhece,
exceto pela donzela que me abraça em casamento
ou aquela que é só uma irmã pra mim.[23]

Nessa décima oitava canção, Sakald novamente afasta a visão; deixa Wotan cantar e falar de modo a indicar que esse mais alto conhecimento da geração primordial do Todo pode ser conhecido e compreendido unicamente e somente pelas divindades da dualidade definida dos poderes físico e espiritual unidos, e somente esses. Unicamente e só, entenderá a sagrada tríade secreta da geração constante, vida constante e a ininterrupta recorrência, e estará apto a perceber o mistério da décima oitava runa nisso. De qualquer forma, certamente digno de notar que de fato a décima oitava runa atualmente mostrada é – sem dúvida alguma intencionalmente incompleta – "fyrfos", obscuro para o símbolo tanto em nome quanto em significado – sem, porém, exaustivamente. Nisso, a intensão dos Skalds de guardar vigilantemente "Fyrfos" como seu segredo íntimo exclusivo, e como vigilantes do segredo, podem ver. Somente depois de se submeterem a certas pressões, puderam revelar outro signo no qual parcialmente substituiu o "Fyrfos".

[23] A esposa de Wotan, Frigga, é ao mesmo tempo sua irmã, a prova de que antigamente ocorriam casamentos incestuosos, que em inúmeros exemplos na mitologia e na história estão presentes.

XXIII

Esse signo, que certamente pode ser visto em seu âmbito como a “substituta” da décima oitava runa:

Ge, gi, gifa, Gibor, Deus [Gott], gea, geo, gigur, terra, morte, dar, presente e etc...

Gibor-Altar [24]– o Deus Progenitor do Todo! Deus é o que dá, e a Terra é quem recebe os presentes. Mas a Terra não é somente receptora, ela também se torna uma doadora. O radical “ge” ou “go”; passa a ideia de dar [ge-ben], e também indica “ser” na ideia do presente [geschenk], e de “passar adiante para um novo surgimento” como uma lança que atravessa [Go-ring[25]]. O radical “go” pode agora ser conectado a outros radicais ou “palavras-raiz”, alguns exemplos seguirão.

Em conexão com a palavra primordial “fa” como: gift, gefa, gee, indica a Terra Geradora de Presentes. Com “bar” (queimar [brennen] e surgir [brunnen]), o Deus que “queima os presentes”. Como “gi-ge-ur” o presente retorna a “Ur” [a existência primordial]. Em “Gigur”, o Gigante de Gelo Destruir dos Presentes, no qual se torna a personificação da Morte, e mais tarde no Diabo. Pela ideia da palavra “cigarro” [Zigarre] – gi-Ge-as: sai pela boca [assim como], pra fora da fonte – a palavra violino [Geige] pode ser entendida. Esse – violino – é um antigo instrumento “escáldico” – dos Skalds – do despertar que fora introduzido na canção, sendo que “canção” (bar) também significa “vida”. O violino era um dos ideogramas (hieróglifos, símbolos) do renascimento devido a ser geralmente ser encontrado em tumbas como um presente sagrado. Desse modo não necessariamente um homem morto que esteja enterrado junto com um violino teria sido um violinista. “Flautas e violinos” seduziam as pessoas a dançar, a excitação do amor, e por isso foram banidos pela Igreja – um temperamento ascético – pois serviam como instrumentos mágicos para o despertar o “fyr” (fogo [Feuer]) humano do amor. Então a Igreja substituiu o símbolo do despertar de Wotan pelo símbolo cristão do “Trompete do Julgamento”.

---

[24] “Gibor-Altar” continua contida no lugar com nome “Gibraltar”, nome cuja derivação não provém do árabe “gibil tarik”, essa derivação é tão impossível como possa parecer. [Em árabe “gibil tarik” ou “Jabal al-Tariq” significa “Montanha do Tarique”.] Gib-(-o-)-r altar foi um Halgadom (espécie de santuário) consagrado ao “Deus Progenitor do Todo” pelos Vândalos no extremo sul da Espanha.

[25] Do alemão arcaico, espetar/perfurar. A palavra aparece em inglês também, como “goring” – e é usada para descrever perfurações ou chifradas, de onde e srcina também o termo “gore”. Em tradução livre para o Hochdeutsch é “aufspießen” – perfurar com uma lança.

XXIV

Os nomes pessoais “Gereon” e “Gertrut” (Gertrud) tem sua raiz na palavra “ge” , que significa “renascimento”. E o hieróglifo (símbolo) disso, “a Cabeça de Gereon[26]”, aparece em um triângulo equilátero formado por perfis humanos. Mas esse Gereon é, por sua vez, o deus da encarnação no Todo como o Todo – o mundo – ou o espírito [Geist] humano. E por essa razão, o significado da “runa Ge” é similar a “Fyrfos”.

A diferença das duas interpretações se encontra de fato na ideia de que “go” – ou “runa gibor” – busca esotericamente se aproximar da compreensão da ideia do divino “que vem de baixo pra cima” (em certo senso de humanidade no exterior) enquanto “Fyrfos” busca o conhecimento esotérico de Deus no nível mais interior do próprio indivíduo – e encontra. Assim é de conhecimento, como espírito da humanidade, unificar com Deus o conceito fixo da “Dualidade Definida”, que irá atingir certo grau conhecimento tanto de fora pra dentro como de dentro pra fora. Aqui novamente o exotérico e o esotérico ficam claramente diferenciados, sendo que “Fyrfos” fica identificado como o esotérico símbolo secreto da mais alta santidade, representado também exotericamente pela “runa Ge”. Então enquanto a doutrina exotérica ensina que “o homem surgiu de Deus e irá retornar para Deus”, a doutrina esotérica sabe que “a união invisível entre homem e divindade existe com a Dualidade Definida” – podendo-se dizer conscientemente: “Homem – é um só com Deus”!

Assim na canção do Edda “Conhecimento Rúnico de Odin” (Rúnatáls tháttr Ódhins) os Skalds interpretam individualmente as runas – de forma oculta – e sugerem “canções mágicas” (fórmulas de invocação) conectadas a elas, sem nem mesmo precisar se conectar. Portanto, preservando o segredo dos Skalds, mas revelando o suficiente para que o seu significado possa ser redescoberto. Pode-se confidencialmente concluir o “Rúnatáls tháttr Ódhins”:

Agora tenho terminado a mais alta canção
aqui no Salão do Altíssimo,
indispensável para os da terra, não para os gigantes.
Saudações para ele, o que ensina!
Saudações para ele, o que aprende!
Para salvação, todos vós ouvintes,
Façam um bom uso!

[26] A Cabeça de Gereon é um (provável) Santo Soldado que foi martirizado em Köln (Colônia) após sua decapitação. É conhecido em países lusófonos por “São Gereão”. Também como o “Santo Dourado”. A cúpula da Basílica de São Gereão, em Colônia, carrega um triângulo.

Placa dos símbolos rúnicos

Ilustrações originais por Guido von List, publicadas na obra "Das Geheimnis der Runen", em 1908

per pale, sinister a bar sinister | upper pale rompu | lower pale rompu | dexter fess fracted bevelled | sinister fess fracted square | downward fracted bar sinister

dexter bend fracted | per bend with counter pile | with counter pile bend | with counter wedge bend | quarterly per square | quarterly per wavy

Pyrfos, or Hook Cross | Cross Gringol | T-Square Cross | Cross Potent | Jerusalem Cross | Arrow Cross

Cross Botonée | Cross Fleury | Cross Moline | Concealed Pyrfos | Maltese Cross | Cross of Pyrmont

VOGELSPRACHE
PROPAGANDA